

Câmbio leva Malan a Nova Iorque

AFP

Ministro se encontra hoje com presidente do Fed para explicar as novas medidas

Objetivo da reunião é conhecer reações do principal mercado dos EUA



Washington - Antes de voltar ao Brasil para acompanhar de perto as reações do mercado à nova política cambial, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, terá um encontro, hoje, com Bill MacDenough, o presidente do Federal Reserve de Nova Iorque (Fed) - um dos braços regionais do Banco Central dos Estados Unidos. Ele é o principal supervisor dos grandes bancos americanos, que mais investiram na América Latina e que seriam diretamente afetados pelo agravamento da crise no Brasil.

Desde sexta-feira passada, quando anunciou que deixaria o câmbio flutuar livremente, Malan não pode medir o impacto da desvalorização da moeda em Nova Iorque - a praça financeira que mais influencia a movimentação na bolsa brasileira. O mercado só reabriu ontem porque na segunda-feira passada, quando o real chegou a ser cotado a US\$ 1,60 no Brasil, era feriado nos Estados Unidos.

O presidente da Reserva

Federal de Nova Iorque é quem conhece melhor os sentimentos do mercado", explicou o secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Marcos Caramuru, que está acompanhando Malan na sua visita aos EUA. "E nessa fase de indefinição, na qual ainda não sabemos qual será o ponto de equilíbrio do câmbio, a informação é muito importante", acrescentou.

Confiança

Ontem de manhã, antes de iniciar seu quarto e último dia de reuniões, na sede do Fundo Monetário Internacional (FMI) em Washington, um Malan tranquilo e confiante disse aos jornalistas que era cedo demais para prever o impacto da elevação das taxas de juros sobre a dívida interna. A única previsão que fez foi de que haveria um período natural de incertezas - mas que no final a situação iria se estabilizar.

"O real levará alguns dias, talvez semanas, até encontrar seu ponto de equilíbrio", explicou Malan. "Durante esse tempo, vamos ter que conviver com essa volatilidade e baixar o grau de ansiedade", acrescentou. Horas depois, na saída de um encontro com o presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Enrique Iglesias, o ministro foi ainda mais otimista: "A inflação será muito baixa", assegurou.

Em Nova Iorque, para onde embarcou ontem à tarde, Malan espera dissipar algumas dessas incertezas e até obter apoio do governo americano, para influenciar os investidores a manterem a confiança no Brasil.

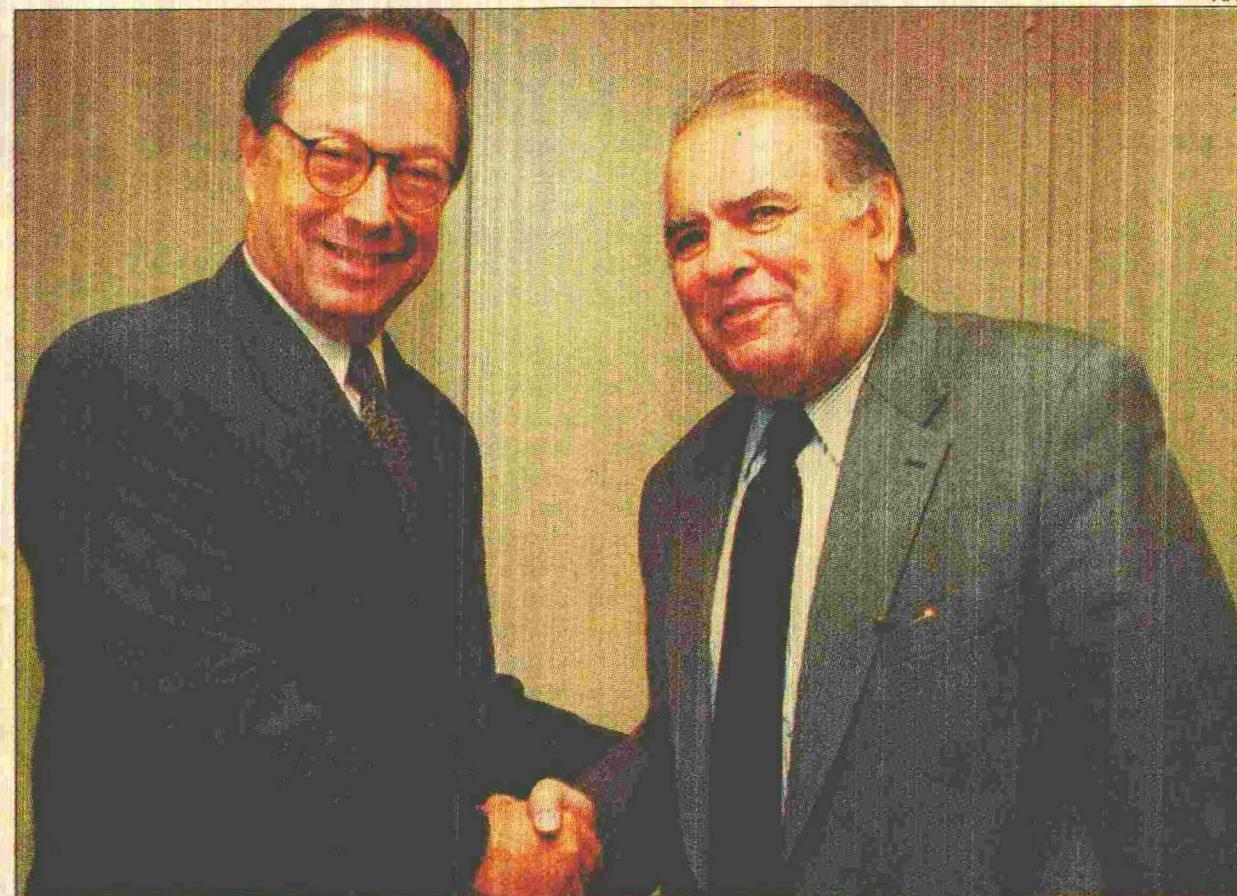
Além de ser ouvido pelo presidente do FED, Alan Greenspan, na hora de antecipar as reações dos mercados às políticas econômicas em países emergentes, MacDenough também é consultado pelos bancos privados.

Malan também analisou a situação do Brasil com Greenspan, na segunda-feira passada. Chegaram à conclusão que, depois da crise da Rússia, em setembro passado, o mundo mudou. A falta de confiança dos investidores levou a uma escassez de liquidez e, de certa forma, ao esgotamento do modelo adotado pelos países emergentes de financiar desenvolvimento interno com créditos externos.

Dúvidas

Apesar de terem apoiado publicamente a nova política cambial brasileira, nas conversas que tiveram com Malan, os representantes do FMI, do Banco Mundial (Bird) e do governo americano manifestaram a mesma preocupação com a falta de controle dos gastos nos Estados. "Antes todos perguntavam sobre a dívida pública brasileira", disse Caramuru. "Agora as dúvidas giram todas em torno da complicada relação entre os governos federal e estaduais no Brasil".

Uma das principais dúvidas é sobre a capacidade do governo federal de punir os Estados que não controlarem seus gastos. Malan e seus assessores explicaram que o executivo não pode reter todas as transferências. Ou seja, caberá aos governadores realizarem os ajustes fiscais necessários para garantir a sobrevivência do real.



MALAN conversa com Enrique Iglesias, do BID, e garante: inflação de 99 será muito baixa